



A CANÇÃO SÁFICA DE CASSANDRA RIOS: MITO E POESIA EM “MINHA METEMPSICOSE”

Leonardo Prudêncio – prudencioleo@hotmail.com

Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil; <https://orcid.org/0009-0007-8389-9048>

Renata Teófilo de Sousa – rtsnaty@gmail.com

Secretaria de Educação do Estado do Ceará, SEDUC, Fortaleza, Ceará, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-5507-2691>

RESUMO: O presente artigo analisa a obra *Minha Metempsicose*, de Cassandra Rios, a partir de um diálogo intertextual com a poesia de Safo de Lesbos. Buscando compreender a relação entre a poética sáfica e a produção literária de Rios, a pesquisa investiga como a escritora brasileira ressignifica o mito e a tradição lírica grega para construir uma literatura erótica e transgressora. Para isso, são discutidos aspectos formais e temáticos da obra, como a influência da métrica sáfica, a fragmentação textual, a performance poética e a noção de metempsicose como um renascimento literário. Além disso, o estudo contextualiza *Minha Metempsicose* dentro do cenário da censura no Brasil do século XX, evidenciando como a escrita de Cassandra Rios enfrentou perseguições institucionais, mas, ao mesmo tempo, consolidou-se como um marco na literatura homoafetiva nacional. A análise evidencia como a fragmentação e a estética dionisíaca dialogam com a tradição sáfica, instaurando uma escrita homoafetiva que atua como resistência literária frente à censura. Ao articular elementos da tradição grega com a resistência contemporânea, o artigo reforça a importância da obra de Cassandra Rios no debate sobre erotismo, identidade e subversão na literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Cassandra Rios; Safo de Lesbos; Literatura homoafetiva; Erotismo.

1 INTRODUÇÃO

A poesia de Safo e Cassandra Rios são duas expressões literárias que surgiram em épocas e contextos diferentes, mas contêm certas semelhanças e diferenças interessantes. Enquanto Safo pertence ao período arcaico da Grécia Antiga, Cassandra Rios escreve em um contexto marcado pela censura e repressão no Brasil do século XX. Apesar da distância temporal e cultural, ambas compartilham a ousadia de abordar temas que desafiam as normas estabelecidas.

Safo, uma poeta grega antiga, é conhecida por sua poesia lírica que aborda principalmente temas como o amor, a beleza e a intensidade das emoções. Suas composições, muitas vezes escritas em forma de hinos e odes, revelam uma profunda sensibilidade e uma abordagem intimista dos sentimentos. Safo também é conhecida por sua poesia homoerótica, explorando o amor entre mulheres de uma forma considerada ousada para a época. Seu legado influenciou inúmeras gerações de escritoras e escritores, sendo um dos principais pilares da literatura ocidental.

Por outro lado, Cassandra Rios foi uma escritora brasileira do século XX, conhecida por sua poesia erótica e transgressora. Ao contrário de Safo, cuja obra sobreviveu apenas em fragmentos,

Cassandra Rios teve uma produção literária extensa e polêmica, muitas vezes alvo de censura e perseguição. Sua obra desafia as convenções sociais e literárias da época, explorando temas como o desejo sexual, a liberdade do corpo e as relações amorosas de forma franca e provocativa. A poesia de Cassandra Rios muitas vezes confronta tabus e questões sobre normas sexuais e de gênero, buscando uma expressão literária libertadora e desafiadora. Dessa forma, sua escrita não apenas escandalizou setores conservadores, mas também abriu caminho para o debate sobre a sexualidade na literatura brasileira.

Embora a poesia de Safo e Cassandra Rios possuam temas e estilos distintos, ambas são marcadas por uma abordagem visceral e apaixonada em relação aos assuntos que abordam. Ambas as escritoras têm a capacidade de evocar emoções intensas e despertar o interesse do leitor através de sua linguagem poética e imagética. Além disso, a noção de erotismo presente nas obras de ambas transcende o simples desejo carnal e se manifesta como uma celebração da identidade e do afeto entre mulheres. Esse aspecto torna suas produções literárias não apenas artísticas, mas também políticas, uma vez que desafiam estruturas normativas de poder.

Safo e Cassandra Rios são reconhecidas por desafiar as normas de seu tempo e explorar temas considerados tabus. Safo desafiou as convenções do mundo antigo ao expressar abertamente seus sentimentos homoeróticos, enquanto Cassandra Rios desafiou as normas conservadoras da sociedade brasileira ao abordar abertamente a sexualidade feminina em sua poesia. Se, na Antiguidade, a poesia de Safo sofreu tentativas de apagamento, na contemporaneidade, Cassandra Rios enfrentou a proibição direta de suas obras. Esse paralelo reforça como, em diferentes momentos da história, a literatura feminina e homoerótica foi alvo de repressão e resistência.

Assim, este artigo tem como objetivo investigar, sob os eixos da fragmentação textual, da performance poética e da metempsicose como figura estética, como Cassandra Rios ressignifica o mito sáfico em *Minha Metempsicose*, reativando a tradição lírica grega para elaborar uma literatura homoafetiva e insurgente, em confronto com os mecanismos de censura e repressão da época.

A intenção é investigar como Rios ressignifica o mito sáfico em sua poética, incorporando elementos da cultura grega antiga à sua literatura homoafetiva e transgressora. Para isso, será discutida a trajetória da escritora brasileira, bem como a influência do erotismo e do feminino na construção de sua obra. Ao propor esta análise, optamos por um enfoque que privilegia os aspectos intertextuais, poéticos e históricos da obra, sem recorrer às categorias analíticas da teoria queer. Embora a homoafetividade seja um elemento central na produção de Rios, a proposta aqui desenvolvida não se ancora em abordagens contemporâneas de performatividade de gênero, mas sim no entrecruzamento entre tradição sáfica, poética mélica e censura como forma de silenciamento literário no Brasil do século XX.

2 BREVE HISTÓRICO BIOGRÁFICO DE CASSANDRA RIOS

Cassandra Rios, de certo modo, foi o nome mais perseguido durante a ditadura militar no Brasil. Seu nome tornou-se sinônimo de transgressão literária, desafiando não apenas o regime político, mas também a moral conservadora da época. Ela teve 36 livros censurados e recolhidos do mercado editorial e, ao longo de sua trajetória, enfrentou perseguições e resistência institucional, sendo frequentemente acusada de obscenidade e corrupção de menores. Seus livros abordam temas ligados à sexualidade homoafetiva e eram vistos, pelos militares, como uma afronta à moral e à família tradicional brasileira. Isso demonstra como sua literatura não era apenas ficção, mas também um instrumento de contestação social. Seus livros eram recolhidos pela censura militar sob a acusação de pornografia, conforme ela comenta em sua autobiografia:

Cassandra Rios, uma devassa! Imoral! Acusaram eles, anônimos e covardes para se identificarem nos jornais e processos, mas corajosos para suas calúnias e inveja, denunciavam, alegavam que com a minha literatura eu estava aliciando, corrompendo e encaminhando toda juventude, toda sociedade brasileira para a homossexualidade, com romances eróticos, por ligações ilícitas, fora dos padrões normais. Por explorar e mostrar o amor sem reservas, cultuando-o como sempre puro, lindo e ardente, com total liberdade; pelos personagens mergulharem em paixões arrasadoras, por ter o poder de influenciar pessoas com sensualidade e suspenses no modo de escrever. Pela força, trama e ineditismo dos argumentos, com as quais as tendências afloram, e milhares de leitores identificavam-se e revelavam-se, ao lerem-me! Induziram-se, ou apenas por mera curiosidade, perverteram-se, empolgados pelo forte imã das minhas palavras, magnéticas, raras, por isso acusavam-me por acharem que meus leitores eram atraídos e seduzidos para experimentar as avassaladoras emoções e sensações do estranho e anti-natural sentimento, por esse motivo os meus livros eram proibidos e considerados pornográficos, obscenos, perigosos. Pervertendo romances de amor! Proporcionavam deleite, viciando pessoas! Que falácia espúria! Perversão! Ora, que imputação mais ignorante! Pois que ninguém se corrompe e se perverte se não tiver natureza predisposta, índole, vontade, inerente tendência! (Rios, 2000, p. 104-105).

Essa passagem evidencia o tom combativo de sua escrita e a indignação frente às constantes tentativas de silenciamento. Rios não apenas reconhecia a repressão que sofria, mas também denunciava o caráter seletivo da censura, que mirava especialmente vozes femininas e dissidentes.

Percebemos, a partir desta fala, que ela tinha consciência da revolução cultural e literária que suas publicações estavam causando na sociedade brasileira. Suas obras, ao serem proibidas, paradoxalmente despertavam ainda mais curiosidade e interesse, tornando-a uma das autoras mais vendidas de sua época. As primeiras proibições datam de 1952, ainda no início da carreira, quando publicou o romance *Eudemônia*, que acarretou, sozinho, dezesseis processos. O impacto da censura sobre sua produção fez com que sua literatura adquirisse um caráter quase clandestino, sendo passada de leitor para leitor como uma forma de resistência. Outro processo que a autora enfrentou foi quando tentou encenar a peça *A*

Mulher proibida, baseada no mesmo romance, cuja encenação e publicação foi proibida e, até o presente momento, não foi publicada.

Um ponto a ser levantado aqui é sobre determinada obra ser tachada como *pornográfica*. A pornografia, enquanto movimento estético, segundo Hunt (1999), começa no Renascimento francês e surge enquanto movimento contrário aos costumes morais e burgueses da época. Eram livros de sucesso editorial, mas muitos tiveram a sua comercialização proibida. No Brasil, o conceito de pornografia frequentemente foi utilizado como ferramenta de censura, servindo para deslegitimar produções artísticas e literárias que fugiam do padrão normativo. Resumidamente, toda arte contrária ao regime político vigente recebia o jargão de “pornografia”¹.

Cassandra Rios compreendia a linha tênue da pornografia e do erotismo e fez questão de separar as vertentes quando, no final dos anos 1970 e começo dos anos 1980, publicou alguns livros assinados com nomes masculinos, que apresentavam linguagem mais escrachada, direta, carregada de um erotismo cru, voltado para o mercado comercial e com descrições minuciosas sobre o sexo. O mais curioso ainda era que esses livros, esteticamente pornográficos, não eram proibidos e vendiam até mais que os assinados como Cassandra Rios, revelando que a censura que a autora sofria era uma tentativa de silenciar uma voz lésbica e não necessariamente uma censura estética. Ou seja, a proibição recaía não apenas sobre o conteúdo sexual de suas obras, mas sobre sua representação do desejo e da sexualidade feminina de forma emancipada.

O certo é que seus livros tinham alcance e aceitação popular que seus contemporâneos até então não conseguiam atingir. Enquanto a crítica literária marginalizava sua produção, o público a abraçava, transformando-a em um fenômeno editorial. Era comum escritores como Jorge Amado saírem em sua defesa pedindo a liberação de suas obras. Essa aceitação popular se refletia na vendagem de suas obras: ela não apenas se tornaria a primeira escritora brasileira a atingir a marca de um milhão de livros vendidos, mas também consolidaria um novo nicho na literatura nacional. Cassandra Rios foi a primeira autora brasileira a viver exclusivamente dos direitos autorais de sua produção literária.

Sua marca registrada foi a coragem de expor temas considerados tabus, trazendo discussões sobre o amor entre mulheres para um público amplo. Seus livros serviram como uma forma de conscientizar todos de que o amor deve ser visto e aceito de todas as formas. Muito além de narrativas escandalosas, seus textos promoviam reflexões sobre a liberdade do corpo e do desejo. Na verdade, seus livros não afrontam nada; eram histórias de amor vistos sob a ótica da homoafetividade, algo até então inédito na literatura brasileira. Em sua autobiografia, ela afirma:

¹ Basta lembrarmos do recente caso em torno da censura ao romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório.

Eu vim, sofrendo em prol dessa inocente gente que nem sabe de mim, leitores que escreveram e que talvez hoje nem se lembram que existo - decorridas tantas gerações no meu silêncio - que, arriscando minha segurança, moral e dignidade, escancarei portas para a sua passagem, imbui-os de coragem para manifestarem-se. Até eu de mim fui esquecendo, como convocada que devo ter sido pelo Incognoscível, a ser pioneira e destemida guerreira desta causa, e sem saber por que me meti nessa guerra! (Rios, 2000, p. 73).

Sabemos que o pioneiro da literatura homoerótica brasileira foi a obra naturalista *Bom Crioulo*, do cearense Adolfo Caminha. Porém, como sabemos, a estética naturalista trabalhava a temática de forma patológica, algo que não acontece nos livros de Cassandra. Enquanto Caminha retratava a homossexualidade masculina sob uma ótica decadente e trágica, Rios subverte esse paradigma ao apresentar relações homoafetivas como experiências legítimas e autênticas. O primeiro livro a colocar as relações homoafetivas de uma forma que não fosse patológica, ou como uma tara a ser tratada, foi o livro de estreia de Cassandra Rios, chamado *A volúpia do pecado*, publicado quando a autora tinha ainda dezesseis anos. O impacto da obra foi imediato, tornando-se um marco na literatura nacional.

É importante citar a poeta Gilka Machado que foi a pioneira da poesia erótica brasileira sob o ponto de vista feminino. Gilka Machado, assim como Rios, também sofreu resistência da crítica e da sociedade conservadora, sendo acusada de atentar contra a moralidade vigente. Ela também inicia a sua carreira, curiosamente, durante a adolescência, revelando uma tendência histórica de repressão às vozes femininas que desafiam normas estabelecidas.

Todo esse percurso histórico nos ajuda a compreender a formação da Literatura Erótica no Brasil. A produção de Cassandra Rios não pode ser vista isoladamente, mas sim como parte de um movimento maior de resistência e afirmação da literatura homoafetiva. Quando vemos ainda lutas de pessoas LGBTQIA+, é inevitável não lembrar de autores e autoras que contribuíram para uma conscientização da temática por via popular. Nesse sentido, Cassandra Rios permanece como uma figura fundamental, pois sua obra não apenas rompeu barreiras, mas também pavimentou o caminho para novas gerações de escritores. Sem dúvidas, seu nome se inscreve na história da literatura brasileira como um dos mais influentes na luta por representatividade e liberdade de expressão.

A trajetória biográfica de Cassandra Rios evidencia a perseguição institucional à sua escrita, bem como os caminhos por onde ela construiu sua estética de resistência. É nesse contexto que se insere *Minha Metempsicose*, obra que condensa os principais elementos de sua poética e marca um diálogo direto com a tradição lírica grega. A seguir, analisamos os principais aspectos formais e simbólicos desta obra.

3 O CANCIONEIRO DE CASSANDRA: “MINHA METEMPSICOSE”

A pesquisa é de natureza qualitativa e se fundamenta na análise literária intertextual. O corpus analítico centra-se nas seções introdutórias (Intróito), no conjunto poético da obra *Minha Metempsicose*, com ênfase na parte intitulada “A lenda dos fragmentos”, além dos poemas que evocam diretamente a figura de Safo. O referencial teórico inclui os estudos sobre mélica sáfica (Ragusa, 2019; Flores, 2020), a estética dionisiaca (Nietzsche, 1999) e a tradição oral da poesia grega antiga (Aristóteles, 2015), sem recorrer a abordagens identitárias contemporâneas, pois a intenção é evidenciar os modos pelos quais Rios reelabora a tradição clássica para fins de resistência estética.

Um desses livros que ela publicou, e que teve problemas com a censura devido ao conteúdo, foi o livro de poemas *Minha metempsicose*, obra que se insere em um contexto de resistência literária e afirmação da homoafetividade em um período de forte repressão no Brasil. O livro foi escrito em 1954, lançado inicialmente pela Bentivegna Editora em 16 de novembro de 1954 e publicado dez anos depois pela Livraria Cassandra Rios Editora, em novembro de 1964. A segunda e última edição foi publicada em 1976. Desde então, a obra nunca mais foi reeditada, o que contribuiu para seu status quase mítico dentro da literatura homoafetiva brasileira.

A ideia de uma Safo amante de mulheres, uma amante lésbica, apesar de não ser uma interpretação unânime entre os estudiosos da Antiguidade Clássica, se perpetua até os dias de hoje. Essa leitura foi influenciada por uma tradição que associa Safo à homoafetividade e ao desejo entre mulheres, ainda que o conceito moderno de lesbianismo não possa ser aplicado diretamente ao seu contexto histórico. Sobre o vocábulo *lésbica* e a ideia de amor e sexualidade em tempos gregos, podemos citar Giuliana Ragusa que, além de tradutora, é uma das principais estudiosas sobre a lírica grega arcaica:

Não existiam na Antiguidade o adjetivo “lésbica” e o substantivo “lesbianismo”, os quais, novamente refletindo certa imagem da poesia de Safo e dela própria, nomeiam, na concepção moderna, o ‘eros’ entre mulheres. Ambos os termos são invenções datadas do século XIX, resultantes “da publicidade criada por uma controvérsia acadêmica em torno da sexualidade da própria Safo”, conforme bem observa Sue Blundell. E invenções surgidas na língua inglesa, na Inglaterra - o adjetivo sendo usado a partir de 1890, e o substantivo, de 1870, grafado em maiúscula, em clara alusão à ilha de Lesbos. O que existia na Antiguidade, a partir de Aristófanes (c. 445-380 a.C.) e da comédia clássica ateniense, eram os verbos ‘lesbiázein’ e ‘lesbízein’, significando “agir como uma mulher de Lesbos”, isto é, agir com lascívia sexual em forma específica - a felação, prática heteroerótica. E ainda a ideia da excepcional beleza das mulheres da ilha de Lesbos. E, claro, Safo, seu universo feminino, e o ‘eros’ de sua mélica. Tudo isso está na base dos neologismos da comédia e mesmo na poesia do latino Catulo, já referido, que designa “Lésbia” a mulher dos tormentos eróticos do “eu” masculino de sua lírica. Em movimento de circularidade, os modernos termos “lésbica - lesbianismo” são forjados a partir da poesia de Safo e de sua recepção. Em seguida, são usados para ler Safo. Contudo, não equivalem erotismo e sexualidade: falar de um não é falar do outro (Ragusa, 2019, p. 235).

Essa perspectiva histórica é fundamental para compreendermos como Cassandra Rios reinterpretou a figura de Safo dentro de seu próprio contexto literário. Diferentemente da leitura acadêmica, que busca nuances e contextualizações, Rios assume uma visão afirmativa e mitificada de Safo, transformando-a em um símbolo de liberdade e desejo entre mulheres.

O interesse da autora pela cultura clássica grega está implícito na escolha do seu pseudônimo, pois seu nome de batismo era Odette Rios. Essa escolha não foi casual, mas sim uma forma consciente de se associar à tradição sáfica, o que reforça a importância da poeta grega em seu imaginário literário. Em sua autobiografia (Rios, 2000), ela brinca dizendo que, em outras vidas, foi a poeta Safo de Lesbos. Não à toa, um de seus apelidos era *Safo de Perdizes*. A primeira menção à poeta grega na obra da autora brasileira ocorreu ainda em seu romance de estreia, *A volúpia do pecado* (Rios, 1967, p. 180). Em uma cena de ciúmes entre as personagens Lyeth e Irez, conforme podemos ler o trecho que segue:

- É inútil falar mais. Com você não adianta. Tem razão. Eu amo Márcia. Sou dela, ela até já me beijou na boca. E por que não? Sou a Vênus de Milo. Dona Joana de Casanova. Sou ... (fez uma pausa procurando lembrar-se), qual é o nome daquela poetisa mesmo? Ah! Sim. Sou *Safo de Mitilene*. A amante de todas as mulheres, da mais velha à mais nova, todas me adoram (Rios, 1967, p. 180, grifo nosso).

Esse trecho revela como Rios incorpora Safo não apenas como uma referência literária, mas como um arquétipo de sua própria escrita, associando-a à libertação dos desejos reprimidos.

A autora sempre teve um trabalho paralelo a da escrita nas artes plásticas, e nesse livro encontramos essa faceta, até aquele momento, pouco difundida. Todas as ilustrações contidas em *Minha Metempsicose* são de sua autoria, reforçando sua concepção artística multimodal, que alia palavra e imagem na construção de um universo poético e visual. Na Figura 1 temos um exemplo:

Figura 1 – Ilustração feita por Cassandra Rios para o seu livro *Minha metempsicose* (1964)



Fonte: Rios (1964, p. 47)

Ao procurarmos o significado de *Metempsicose*, descobrimos que se trata da transmigração da alma, ou seja, a crença na reencarnação em novos corpos. No livro de Cassandra, a sua metempsicose é sáfica, pois ela revive poeticamente a poeta grega, estabelecendo uma conexão espiritual e estética entre ambas. Esse conceito é reforçado no longo texto de abertura da obra, chamado “Intróito”:

Descendente de uma família nobre, Safo, que nasceu na Ilha de Lesbos, hoje Mitilene, colônia eólica, no século VII a VI a.C., celebrizou-se com os seus versos, odes, epitalâmios, hinos, himeneus e elegias. Contemporânea e rival de Alceu, com ele foi exilada por Pítacos, acusada de ter se unido ao poeta lírico, inventor do verso e da estrofe alcaicos, para conspirar contra o governo. Realmente Alceu, com as suas obras satíricas, defendia a aristocracia de sua pátria (Rios, 1976, p. 5).

Nesse texto inicial, ela apresenta ao leitor algumas breves informações sobre Safo e termina dizendo que o intuito do livro não é fornecer um material biográfico, mas sim uma “Metempsicose sáfica” (idem, p. 7). Essa afirmação sugere que Rios não apenas escreve sobre Safo, mas se apropria de sua voz poética, evocando sua presença na contemporaneidade, reiterando, dessa forma, a ideia de incorporar Safo para escrever sobre Safo, uma ideia que se aproxima do Aedo descrito no diálogo *Íon* de Platão (2011), em que se lê:

Enquanto um poeta depende de uma musa, outro depende de outra - dizemos que ele é possuído, o que é muito próximo: pois ele é tomado - e desses primeiros anéis, dos poetas, por sua vez, outros são pendurados a outros e se entusiasmam, uns suspensos por Orfeu, outros por Museu; mas muitos são possuídos e tomados por Homero (Platão, 2011, p. 45).

O texto de Rios é apoiado em uma tradição dionisíaca, dentro da concepção que Nietzsche desenvolve em *O nascimento da tragédia* (1999), no qual o impulso dionisíaco se manifesta por meio da embriaguez, do sublime, do sonho e da inspiração. Esse aspecto é essencial para compreender a construção poética de Rios, pois sua escrita busca um estado de exaltação e transgressão, rompendo com a linearidade narrativa e mergulhando em um lirismo intenso e sensorial. Como observa Rosa Maria Dias (2015):

É preciso salientar que vida e arte são tratadas em *O nascimento da tragédia*, principalmente, na perspectiva da tragédia grega e a partir do que Nietzsche chama de “impulsos artísticos da natureza” – apolíneo e dionisíaco. Justifica-se, assim, que o ponto mais importante da estética nietzschiana do seu primeiro livro é o desenvolvimento dos aspectos apolíneo e dionisíaco na arte grega, considerados como impulsos antagônicos, como duas faculdades fundamentais do homem: a imaginação figurativa, que produz as artes da imagem (a escultura, a pintura e parte da poesia), e a potência emocional, que encontra sua voz na linguagem musical. Cada um desses

impulsos manifesta-se na vida humana por meio de dois estados fisiológicos, o sonho e a embriaguez, que se opõem como o apolíneo e o dionisíaco. O sonho e a embriaguez são condições necessárias para que a arte se produza; por isso, o artista, sem entrar em um desses estados, não pode criar (Dias, 2015, p. 228).

Ao longo de *Minha metempsicose*, observamos o uso do fragmento poético, uma característica fundamental da tradição sáfica, cuja obra chegou até nós de forma lacunar e dispersa. A obra da poeta Safo de Lesbos, e muitas coisas que sabemos sobre ela, talvez tenham chegado a nós com informações desconstruídas, pois “sua poesia sobreviveu num período eminentemente oral até ser compilada de modo escrito” (Flores, 2020, p. 7). O primeiro volume reunindo as suas obras completas só foi organizado quase trezentos anos depois de sua morte, e muita coisa da poeta grega já havia sido perdida nesse processo.

Em *Minha metempsicose* (Rios, 1976), na última parte da obra, temos um volume de textos intitulado “A lenda dos fragmentos”, no qual Cassandra Rios rememora a destruição de manuscritos de Safo durante a Idade Média. A história conta que o Papa Gregório VII, além de ter instituído o celibato dos clérigos, queimou em praça pública livros que eram tidos como imorais, pornográficos e que atentam contra a moral e os bons costumes (British Library, 2017).

Nesta pilha de obras estavam autores como Anacreonte, Alceu e Safo. Aqui entramos em uma voz sublime e delirante, retomando o conceito dionisíaco da arte defendida por Nietzsche (1999), cuja concepção do dionisíaco fundamenta uma estética da embriaguez e do descontrole, ressoa na obra de Rios como estratégia poética e política. Essa estética permite à autora flertar com o êxtase, a fragmentação e a transgressão, posicionando seu erotismo como forma de insurgência frente à ordem moral e política vigente. Podemos ler isto nas entrelinhas do poema de Rios (1976, p. 77):

Diante da fogueira crepitante
que esturgia numa fome voraz
eu vi as labaredas agitadas
as chamas erguem-se encrespadas
e gulosamente lamberem
aquelas obras de inestimável valor
como se acariciasse o corpo
do seu amor...

Ouvi ecos soluçosos,
lamentos vários
de bocas desconhecidas.
Injúrias, protestos, ameaças
e sussurros queixosos,
enquanto a fogueira se erguia
como línguas eróticas a vibrar
na euforia
da devoção!

Grossas lágrimas deslizarão
pelas minhas faces.
Meu pensamento vibrou
por entre os lábios trêmulos:
Maldição! Desterro! Morte!
Cumpram-se as palavras
daquela que hoje menosprezam.
Que a mesma sombra de dor
apunhale os corações
que se voltaram contra Safo!

Soldados romanos continham a multidão!
O fogo se alastrava
no círculo das suas proporções:
Labaredas devorando poesias
e o sangue ardendo nos tristes corações!
Maldição! Maldição!
Era o meu último cântico
dirigido ao povo.

A escrita de Rios, nesse contexto, recupera a embriaguez como estado criativo, não apenas como um estilo, mas como método poético que favorece a ruptura com a norma. Essa estética embriagada, herdeira do dionisíaco nietzschiano, encontra na fragmentação e na evocação do sublime as marcas de um projeto literário de resistência.

Esse poema não apenas evoca a destruição dos textos de Safo, mas também sugere um paralelo com a própria censura que Rios sofreu. Assim, *Minha Metempsicose* se constrói como uma obra de resistência, resgatando a voz lírica grega e reafirmando o direito à literatura homoafetiva. Cassandra rememora com uma voz que carrega a memória do ato inquisitório em um texto permeado pelo estilo da mélica (*meliké*), que é um poema performático para vozes, dança e coro musical. Essa escolha estilística não é acidental, mas sim um tributo à tradição lírica grega, poética, iniciada por Safo e suas discípulas, e era concebida para ser recitada em performances musicais e rituais sociais. Segundo Ragusa (2019):

No mundo grego arcaico e clássico, portanto, da ‘song culture’, a poesia só existia de verdade no instante de sua *performance*, apresentada a certa audiência, de certo modo, em certa ocasião. A poesia é feita para ser ouvida e, no caso da mélica, tanto mais rica é sua audição que, na modalidade do canto coral, acrescem-lhe múltiplos instrumentos musicais e a dança que instaura a dimensão da visão. Logo, e para ser de pronto compreendida e fruída. Não há subtextos, interpretação. Há, sim, o diálogo imediato com a comunidade que compartilha do conhecimento do poeta, porque cada gênero poético tem atrás de si tradições que vão sendo seguidas de modo suficientemente estável, pensadas em articulação à ‘*performance*’ cujas condições influenciam ou determinam a escolha da linguagem, do tema e do mais na composição que jamais quererá confrontar seus ouvintes, mas, sim, agradar, emocionar, tornar a plateia cúmplice do poeta (Ragusa, 2019, p. 223).

Essa perspectiva reforça o caráter ritualístico da poesia de Safo e, por extensão, da obra de Cassandra Rios. Ambas evocam um lirismo que não se limita ao texto escrito, mas que exige um envolvimento sensorial e emocional do leitor ou ouvinte. O canto sáfico e o canto de Rios ganham força quando entoados em coro ou acompanhados de instrumentos musicais. Ainda que não haja registros de uma performance pública de *Minha Metempsicose*, a própria estrutura da obra sugere uma leitura performática, com passagens que remetem à declamação e à expressividade vocal, como eram nos idos tempos de Homero, Horácio, Catulo e toda a poética oral helenística.

Como mencionado, não temos nenhum registro de uma atuação performática do livro *Minha metempsicose*, mas é possível especular que a autora concebia sua poética como parte de uma tradição oral de resistência, em que a palavra escrita é, ao mesmo tempo, um testemunho e um chamado à ação. Quando lemos a obra, nos deparamos com essas influências da poesia grega clássica, que entendia a poesia como uma irmã da música, conforme nos diz a *Poética* de Aristóteles (2015):

[...] de fato, assim como alguns mimetizam muitas coisas, apresentando-as em imagens por meio de cores e esquemas (em função da arte ou do hábito), outros o fazem por meio do som, tal como nas artes aqui mencionadas: todas elas efetuam a mimese por meio do ritmo, da linguagem e da melodia, quer separadamente ou em combinações (Aristóteles, 2015, p. 39-41).

O trecho aristotélico reforça a ideia de que a poesia não é apenas um meio de expressão individual, mas uma forma de imitação da realidade sensorial e emocional. Sendo a poesia, uma mimese melódica, o poema é um objeto mimético da oralidade de um determinado grupo social, sendo atravessado pelo contexto em que foi produzido e pelas experiências de quem o compõe. O poeta deve trabalhar em cima daquilo que aconteceu, segundo a verossimilhança e a necessidade. Nessa perspectiva, essa concepção dialoga diretamente com a proposta de Cassandra Rios, que utiliza a memória de Safo e sua tradição poética como matéria-prima para sua própria criação literária.

Desta forma, Cassandra Rios constrói o seu cântico lésbico, não apenas como uma homenagem à poeta de Lesbos, mas também como uma reivindicação da literatura homoafetiva como parte legítima da tradição poética universal. Seu trabalho não se limita a um resgate do passado, mas propõe uma continuidade da voz de Safo, inserindo-a em um novo contexto e ressignificando sua presença na literatura contemporânea.

Ao estabelecer essa ponte entre a Grécia Antiga e o Brasil do século XX, Rios desafia a linearidade histórica e afirma que Eros sempre esteve presente na literatura, apesar dos constantes apagamentos e censuras. Nesse sentido, *Minha Metempsicose* se torna um projeto literário e político, que reivindica um espaço para o desejo entre mulheres dentro do cânone poético.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Minha Metempsicose* de Cassandra Rios se configura como um marco na literatura brasileira ao estabelecer um diálogo intertextual profundo com a tradição sáfica. A partir da reinterpretação do mito de Safo, Rios não apenas resgata uma herança literária clássica, mas a reinsere no contexto moderno, promovendo uma ressignificação estética e política da homoafetividade. Sua escrita rompe com as convenções da época ao celebrar o erotismo e o desejo entre mulheres de maneira direta e afirmativa, distanciando-se das representações patologizantes que marcaram parte da literatura homoerótica anterior.

O estudo demonstrou como Cassandra Rios se apropria da mélica sáfica, tanto em sua estrutura fragmentária quanto em seu caráter performático, construindo um cântico lírico que desafia as normas impostas pela censura e pelo moralismo vigentes no Brasil do século XX. A influência da poética dionisíaca e a relação com a estética nietzschiana reforçam a dimensão transgressora de sua obra, conferindo-lhe um papel de resistência dentro da tradição literária brasileira. Assim como Safo teve seus versos apagados e fragmentados ao longo dos séculos, Rios enfrentou o apagamento imposto pela censura, mas, paradoxalmente, essa perseguição impulsionou ainda mais sua visibilidade e impacto cultural.

Além disso, ao conectar sua produção literária à trajetória de Safo, Rios reafirma a presença histórica de gays na literatura. O conceito de metempsicose em sua obra sugere um renascimento simbólico da poeta grega, trazendo sua voz ao presente e ampliando seu legado na literatura ocidental.

Por fim, a análise de *Minha Metempsicose* evidencia como a literatura pode funcionar como um espaço de contestação e de preservação da memória. A obra de Cassandra Rios, muitas vezes marginalizada e silenciada pela crítica acadêmica, merece ser resgatada e reconhecida dentro do cânone literário brasileiro. Seu trabalho não apenas desafiou convenções sociais, mas abriu caminho para novas narrativas que exploram o erotismo e a homoafetividade a partir de uma perspectiva feminina e libertária. Assim, seu legado permanece vivo, influenciando novas gerações de escritoras e reafirmando a literatura como um espaço de resistência e reinvenção identitária.

A redescoberta e reedição parcial da obra de Rios nos últimos anos vêm reafirmando sua relevância literária. Sua escrita constitui um marco simbólico na consolidação de uma literatura homoafetiva que desafia os cânones e amplia os horizontes poéticos no Brasil. Ainda que sua recepção crítica tenha sido marcada por preconceitos e silenciamentos, sua obra sobrevive como expressão autêntica do erotismo, da poética feminina e da subversão estética.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BRITISH LIBRARY. *The destruction of Sappho's works*. Medieval Manuscripts Blog. December 9th, 2017. Disponível em: <https://blogs.bl.uk/digitisedmanuscripts/2017/12/the-destruction-of-sapphos-works.html>. Acesso em: 06 mar. 2025.
- CAMINHA, Adolfo. *Bom crioulo*. São Paulo: Todavia, 2019.
- DIAS, Rosa Maria. Arte e vida no pensamento de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, v. 36, p. 227-244, 2015.
- FLORES, Guilherme Gontijo. Safo de Lesbos: corpo, corpos, corpus. In: SAFO. *Fragments completos*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2020.
- NIETZSCHE, Friederich. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- PLATÃO. *Íon*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- RAGUSA, Giuliana. Safo de Lesbos - de líras e neblinas. In: REDE, M. (org.). *Vidas Antigas. Ensaios Biográficos da Antiguidade*. São Paulo: Editora Intermeios, 2019.
- RIOS, Cassandra. *Minha metempsicose*. São Paulo: Livraria Cassandra Rios Editora, 1964.
- RIOS, Cassandra. *A volúpia do pecado*. 9. ed. São Paulo: San remo, 1967.
- RIOS, Cassandra. *Minha metempsicose*. 2. ed. São Paulo: Mundo musical, 1976.
- RIOS, Cassandra. *Mezzamaro, flores e cassis - o pecado de Cassandra*. São Paulo: Cassandra Rios Editora, 2000.

Title

The Sapphic Song of Cassandra Rios: Myth and Poetry in “*Minha Metempsicose*”.

Abstract

This article analyzes *Minha Metempsicose*, by Cassandra Rios, through an intertextual dialogue with the poetry of Sappho of Lesbos. Seeking to understand the relationship between Sapphic poetics and Rios's literary production, the research investigates how the Brazilian writer reinterprets the myth and the Greek lyrical tradition to construct an erotic and transgressive literature. To this end, the study discusses formal and thematic aspects of the work, such as the influence of Sapphic melic poetry, textual fragmentation, poetic performance, and the notion of metempsychosis as a literary rebirth. Additionally, the research contextualizes *Minha Metempsicose* within the framework of censorship in 20th-century Brazil, highlighting how Cassandra Rios' writing faced institutional persecution while simultaneously establishing itself as a landmark in national homoaffective literature. The analysis highlights how fragmentation and Dionysian aesthetics dialogue with the Sapphic tradition, establishing a homoaffective writing that acts as literary resistance against censorship. By articulating elements of the Greek tradition with contemporary resistance, the article reinforces the importance of Cassandra Rios' work in the debate on eroticism, identity and subversion in Brazilian literature.

Keywords

Cassandra Rios; Sappho of Lesbos; Homoaffective literature; Eroticism; Sapphic tradition.

Recebido em: 07/03/2025

Accito em: 24/04/2025